

# Redação em Gotas

Edição nº 24

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela de Freitas Marques

## DICA: A beleza da oralidade. Câmara Cascudo e a força da oralidade. Primeira parte.

O Direito expressa-se pela oralidade. As sustentações orais, a exposição de argumentos e de teses, a força viva e pujante do magistério, as perguntas dirigidas às testemunhas, as questões de ordem tão ao gosto das partes. *Como falar bem? Como convencer e persuadir outrem do acerto do pensamento, da coerência das ideias e da firmeza do Direito defendido?* Grandes mestres orais formaram a cultura do mundo: Sócrates, Buda e Jesus Cristo não deixaram nenhum escrito, mas suas palavras são arrebóis dourados presentes na eternidade.

Marco Túlio Cícero, o pilar de ferro<sup>1</sup> da República Romana, deixou muitos textos e muitas expressões utilizadas na Política e no Direito. Morto, por ordem de Marco Antônio, a sua cabeça e as suas mãos foram pregadas às portas do Fórum Romano. Plutarco, em “Vidas Paralelas”, escreve:

“ (...) Morreu com a idade de 64 anos. Herênio, de acordo com a ordem que lhe dera Antônio, cortou-lhe a cabeça bem como as duas mãos com a qual havia escrito as Filípicas. Cícero intitulara Filípicas os seus discursos contra Antônio. É esse o título que trazem ainda hoje os seus discursos. (...) Quando essa cabeça e essas mãos foram conduzidas a Roma, Antônio realizava os comícios para a eleição dos magistrados. “Agora, acabaram-se as proscições”, disse ele, depois de ouvir a informação sobre o assassinio e ao ver o aspecto sangrento desses despojos. Fê-los colocar nas bordas da tribuna: espetáculo terrível para os romanos que, parecia, estavam vendo não o rosto de Cícero, mas a própria imagem da alma de Antônio.”<sup>2</sup> ”

Séculos e séculos escoaram-se e o tempo, como jogral da eternidade, virou-lhe as folhas e as gerações e trouxe-nos grandes discursos e prédicas, e alguns de seus fragmentos ficaram inscritos na memória popular. No Brasil, Câmara Cascudo coletou histórias, contos, adivinhas e parlendas – a oralidade, como o rio vivo e estuante, correndo caudaloso pelos leitos da vida. A história e as lendas encontram-se em algum momento e elas se abraçam, enlaçadas por único veio e compartilhando idêntico destino. No Brasil do passado, muitos fraudadores e enganadores assumiram a figura de ermitões, para viverem às custas de outrem e beberem fartamente às expensas da caridade pública, daí as expressões: “*O Diabo depois de velho se fez ermitão*” e “*O hábito não faz o monge*”.<sup>3</sup> As cruzes à beira das estradas são levantadas para que cada um que passe complete o número de “Padres-Nossos” necessários ao resgate da alma do purgatório: a alma que se encontra à beira do abismo.<sup>4</sup> A crença de que a alma do morto acompanha o matador, pedindo por justiça ou clamando por vingança, vem com o triste dito popular: “*Ninguém conhece o coração dos outros.*”<sup>5</sup>

*Por que falar bem? Por que a oralidade?* A oralidade precede à escrita. Os pensamentos alinhados e as palavras bem ditas são a antessala do texto escrito. A voz do povo e a voz de Deus se encontram nos antigos oráculos, no enganador Hermes ou no doirado Apolo, nos rosários de Santa Rita e no dia de São Pedro. Durante os tempos de estudante, na Faculdade de Direito do Recife, Câmara Cascudo dizia que as pessoas costumavam ir às igrejas de São José de Ribamar e de Santo Antônio, indo às vozes, esperando as vozes. Santo Agostinho também apela às vozes e à oralidade: *tolle, lege; tolle, lege – toma, lê; toma, lê*. O signo de sua conversão na leitura da Carta de São Paulo aos Romanos,<sup>6</sup> na cantiga desconhecida cantada por uma criança, nas folhas abertas ao acaso da Bíblia, no passeio pelo jardim. Como seria o jardim, tornado pó e cinzas? Cardos, peônias luxuriantes e os verdes abetos da Numídia todos desaparecidos, como a feroz água romana declinando na linha do horizonte. *Tudo passa sobre a terra.*<sup>7</sup>

<sup>1</sup>A expressão origina-se do romance de Taylor Caldwell. Cf. CALDWELL, Taylor. *Um Pilar de Ferro*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record. 1981. 784p.

<sup>2</sup>PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. Capítulo dedicado a Marco Túlio Cícero. Disponível em: Cícero, por Plutarco (dominiopublico.gov.br). Acesso em: 19 set. 2021.

<sup>3</sup>CASCUDO, Luís Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. Volume 1. 6ª ed. São Paulo: Global. 2003. p. 75-76.

<sup>4</sup>Ibidem. p. 77-78.

<sup>5</sup>Ibidem. p. 178.

<sup>6</sup>CASCUDO, Luís Câmara. *Coisas que o povo diz*. 2ª ed. São Paulo: Global. 2009. p. 157.

<sup>7</sup>É o final clássico da obra de José de Alencar, *Iracema*. Disponível em: Microsoft Word - iracema.rtf (dominiopublico.gov.br). Acesso em: 19 set. 2021.